



## E AGORA, BRASIL?

# Evangélicos, um pote de ouro nas eleições

Com forte influência política, segmento não olha apenas para a pauta moral e quer ouvir propostas na área social em 2022

» TAINÁ ANDRADE

N a corrida pela disputa ao cargo de presidente da República nas eleições de 2022, existe uma outra competição, mais segmentada, mas com alto impacto no resultado final: quem ganhará a simpatia da maioria do eleitorado evangélico no ano que vem?

Dos mais de 210 milhões de brasileiros, esse segmento representa aproximadamente 30% da população, segundo o Datafolha. Em 2018, na última escolha presidencial, em meio a um cenário de crises, principalmente relacionadas à moral política, esse eleitorado foi responsável por 70% da aprovação de Jair Bolsonaro (PL), um candidato conservador, que se autointitulava “fora do sistema” e com discurso anticorrupção.

O presidente continuou a nutrir a fidelidade do segmento. O gesto mais recente de Bolsonaro foi a indicação vitoriosa de André Mendonça ao Supremo Tribunal Federal (STF). No entanto, a relação entre Bolsonaro e evangélicos já não é mais a mesma. A aprovação quase unânime de 2018 tem sido ameaçada para 2022.

Investidas de outros candidatos têm surtido efeito. Uma das comprovações nessa perda de público foi informada na pesquisa do Datafolha, publicada no último dia 20. Lula (PT) apareceu como o melhor presidente que o Brasil já teve, na opinião de 43% dos evangélicos, enquanto Bolsonaro ficou com 19%.

“O que acontece é que antes o então deputado Jair Bolsonaro tinha promessas de como evitar essas crises naquele momento em que ele não podia se responsabilizar por elas, ele era um deputado. Agora, ele é o presidente, que foi responsável pela gestão dos últimos anos. Então o voto também é de avaliação do governo, sempre tem uma camada enorme de avaliação do governo. Então, é um presidente avaliado pelo seu governo, não é só o então deputado Bolsonaro fazendo promessas”, avalia Ana Carolina Evangelista, cientista política e diretora do Instituto de Estudos da Religião (Iser).

O cenário eleitoral mudou drasticamente em três anos. O próximo presidente virá com o desafio de remediar um Brasil pós-pandêmico, no qual 19 milhões de pessoas passam fome, entre elas 55% das famílias estão em insegurança alimentar. Um a cada quatro brasileiros passou a viver abaixo da linha da pobreza no ano passado — esse número subiria se não fosse a ajuda de auxílios governamentais —, com uma inflação na faixa de 10%, em forte impacto principalmente nos alimentos consumidos pelos

cidadãos de baixa renda.

Segundo Ana Carolina Evangelista, o olhar sobre o eleitorado evangélico, no próximo ano, não pode ser somente sob o aspecto da fé ou da defesa da agenda conservadora. Uma indagação comum desse eleitorado são as propostas dos pré-candidatos às demandas sociais. “Será uma eleição sobre demandas mínimas de sobrevivência da população. É sobre o combate à fome, acesso a emprego, acesso a renda, acesso a moradia”, descreve Evangelista. “Se a gente olha o perfil da população de evangélicos, a gente está falando principalmente de uma eleição de diálogo, de priorização da classe mais empobrecida — na faixa de até dois, cinco salários mínimos”, observa.

Na avaliação da especialista, grande parcela do eleitorado brasileiro é fortemente afetada pela crise da pandemia. E, nesse contexto, a mobilização evangélica é de importância fundamental. “Se a gente olha, 51% do eleitorado brasileiro é de baixa renda, e os números mostram que esse eleitorado está demandando respostas para crises que só se aprofundaram no Brasil. Isso tem uma correspondência e atinge também o segmento evangélico”, contextualizou.

A especialista ainda definiu mais uma — grande — parcela desse eleitorado. De acordo com ela, o maior “recorte dos evangélicos no Brasil é uma maioria negra, feminina, de baixa renda, líderes de família e de regiões periféricas urbanas”. Portanto, “antes de serem evangélicas, antes de se preocuparem com a tal agenda moral ou a falácia da ideologia de gênero propagada nas escolas, as mães evangélicas querem seus filhos dentro da escola, querem um emprego, têm três trabalhos ao mesmo tempo para sustentar as suas casas”, conta.

Líder nas pesquisas de intenção de voto, Lula está atento aos sentimentos do eleitorado evangélico. No jantar organizado pelo Grupo Prerrogativas, que tornou públicas as articulações entre o candidato do PT e Alckmin (Sem Partido) como uma chapa para o pleito do ano que vem, houve, também, houve espaço para a campanha “Tem Gente com Fome”.

O projeto, coordenado pelo grupo Coalizão Negra por Direitos, busca doações para entregar 223 mil cestas básicas para famílias carentes neste Natal. A prioridade da Coalizão tem sido levar alimentos às mães negras e famílias que recebem o auxílio emergencial em 18 estados e no Distrito Federal. Desta vez, a organização começará a distribuição pelo Norte — onde há a maior concentração de evangélicos no país — e pelo Nordeste.

## Força eleitoral

Parcela expressiva do eleitorado, evangélicos são cada vez mais influentes no Congresso.



### BANCADA EVANGÉLICA

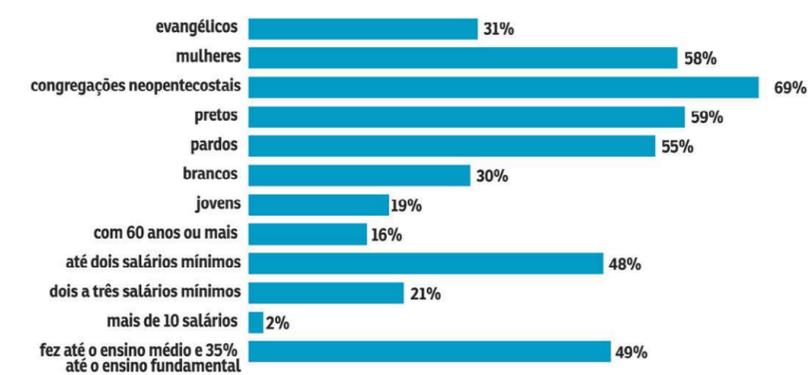
105 deputados federais

15 senadores

equivale a 20% do Congresso

Os parlamentares não necessariamente votam juntos nas pautas, mas compartilham afinidade de valores, como a “defesa da família”.

### QUEM SÃO OS ELEITORES EVANGÉLICOS NO BRASIL?



### Regiões em que predominam os evangélicos:

Norte **39%**, estão nas capitais, mas também áreas mais isoladas  
Centro-Oeste **33%**

De acordo com o Instituto de estudos da religião (ISER), os evangélicos se pautam, escutam e se orientam, principalmente pelas suas lideranças religiosas locais. São as lideranças comunitárias, com acesso mais próximo, a diferentes grupos que têm mais incidência.

### O QUE QUER O ELEITORADO EVANGÉLICO?

Existe uma distinção entre os desejos do eleitorado mais rico (minoria) e o mais pobre (maioria).

#### Entre dois a cinco salários mínimos querem:

- Comida
- Moradia
- Filhos dentro da escola
- Emprego
- Poder de compra
- Reestabelecimento da economia

#### Com 10 salários mínimos ou mais:

- Valores da família cristã conservadora
- Cumprimento de agendas do neoconservadorismo
- Liberdade de expressão
- Pautas reformistas que visem ao empreendedorismo

### DIVISÃO DAS IGREJAS NO BRASIL

Diferentemente do catolicismo, que tem uma unidade hierárquica e centralizada, o protestantismo — que origina a religião evangélica — possui diferentes congregações, o que dá nome a diferentes linhas:

#### Protestantismo Histórico

##### — surgiu no Séc 16, fora do Brasil

- Igreja Presbiteriana
- Igreja Anglicana
- Igreja Luterana
- Igreja Batista
- Igreja Metodista
- Igreja Adventista

#### Protestantismo Histórico no Brasil

##### — surgiu no Séc 19, no Brasil

- Igreja Presbiteriana do Brasil
- Igreja Evangélica Congregacional
- Igreja Batista do Brasil
- Igreja Adventista do 7º Dia
- Igreja Episcopal Anglicana do Brasil
- Igreja Anglicana do Brasil
- Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
- Igreja Metodista do Brasil

#### Pentecostalismo no Brasil — surgiu no Séc 20

- Movimento Missionário Norte Americano
- Igreja Assembleia de Deus
- Congregação Cristã no Brasil
- Igreja Petencostal da Bíblia
- Igreja Cristã Maranata
- Igreja do Evangelho Quadrangular
- Igreja Casa da Bênção
- Igreja Evangélica Petencostal Brasil para Cristo
- Igreja Petencostal Deus é Amor
- Igreja de Nova Vida

#### Neopentecostal no Brasil

##### — surgiu no final do séc 20, nos anos 70

- Igreja Cristã Apostólica Renascer em Cristo
- Igreja Missionária Evangélica Maranata
- Igreja Universal do Reino de Deus
- Igreja Universal da Graça de Deus
- Igreja Mundial do Poder de Deus

De acordo com o ISER, 29 a 30% se declara membro ou ligado a alguma divisão da Assembléia de Deus.

Fontes: Datafolha, “Povo de Deus: quem são os evangélicos e por que eles importam”, de Juliano Spyer, ISER

## Eleitorado pulverizado

Alexandre Landim, sociólogo e cientista social pela Universidade de São Paulo (USP) e doutorando na Universidade Federal do Ceará (UFCE), escritor da tese “Atores de temas religiosos em eleições presidenciais nas eleições de 2010 e 2018”, aponta que não há unanimidade no voto evangélico.

“Se a gente pegar as últimas pesquisas, o eleitorado evangélico está dividido. O que a gente pode dizer, a partir dos dados, é que o apoio do eleitorado evangélico (a Bolsonaro) vem caindo, mas em uma menor velocidade em relação à população em geral. Vai depender do jogo eleitoral, de quem vai sair candidato, de como vão se estabelecer essas alianças, quais são as negociações, as exigências por apoio”, alertou Landim.

Fora da polarização Lula-Bolsonaro, novos candidatos que participarão da competição pelo apoio do eleitorado da fé devem estar atentos não só às demandas, mas também à capilaridade que existe dentro do segmento. Landim ressalta que a divisão crescente entre direita e esquerda também existe entre os evangélicos.

De acordo com o especialista, os fiéis de esquerda acreditam que os problemas sociais são oriundos de problemas estruturais. Porém essa linha ainda é recém-formada no segmento, portanto ainda não tem força para definir uma eleição.

Já para a direita organizada desde 1980, há uma maior musculatura. Espelhados no movimento americano do neoconservadorismo, os evangélicos conversadores prezam pautas do liberalismo econômico, morais, contrárias ao aborto, casamento do mesmo sexo. Acreditam, ainda, que questões sociais se resolvem com iniciativas individuais.

Foi nesse segundo cenário que Bolsonaro — mesmo não sendo evangélico —, se firmou. “[Ele] percebeu nesse grupo afinidade, pautas em comum. Bolsonaro tem uma performance de pessoa evangélica, assim, ele se aproxima do grupo. Representa uma pauta neoconservadora ou ultraliberal”, analisa o especialista.

# 120

parlamentares compõem a bancada dos evangélicos na Câmara dos Deputados e no Senado Federal. No Congresso Nacional, eles atuam em um leque amplo de pautas, que vai de benefícios fiscais a igrejas à legalização de jogos de azar